



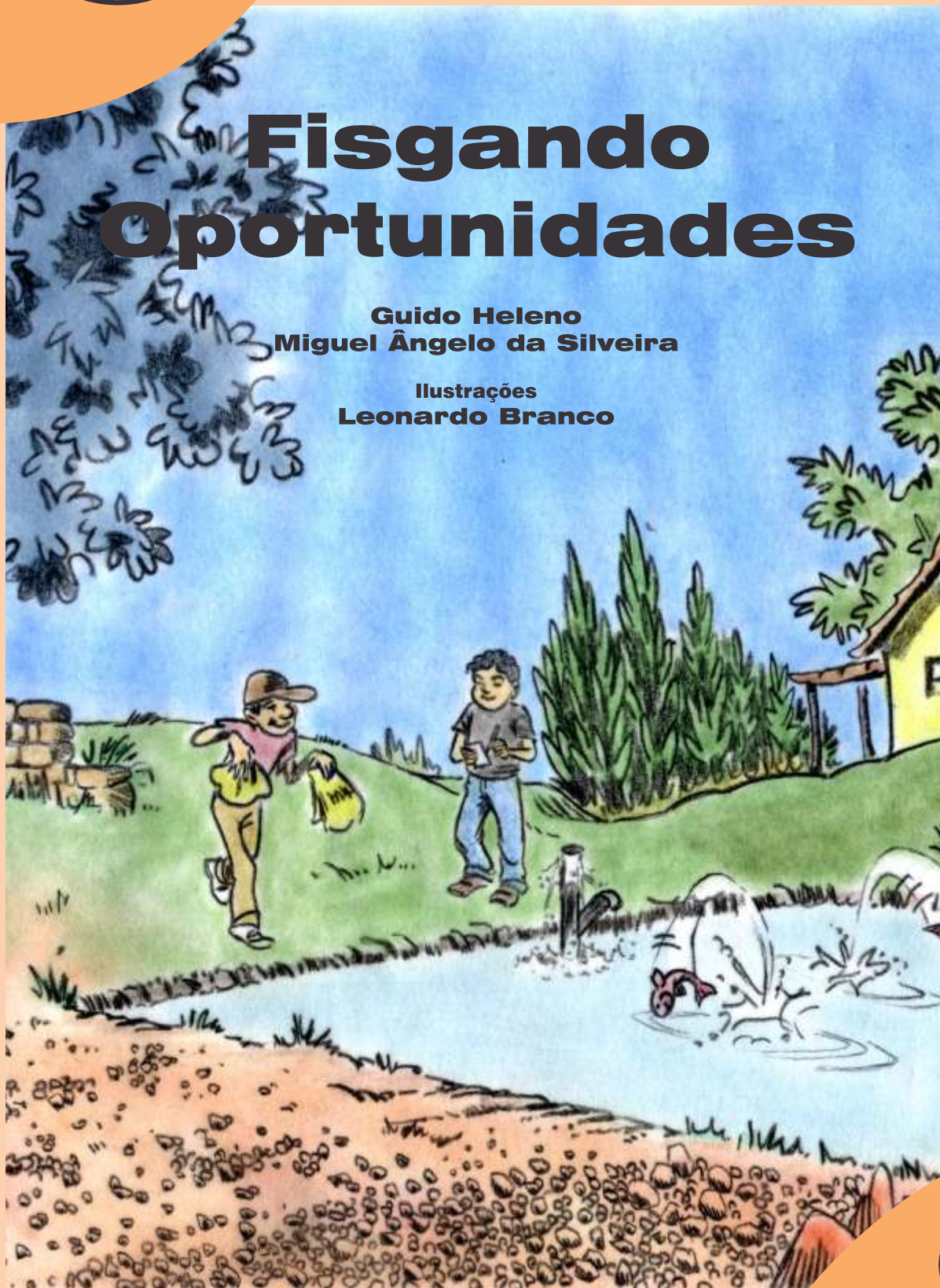
Série

Educação e Cidadania

Fisgando Oportunidades

**Guido Heleno
Miguel Ângelo da Silveira**

**Ilustrações
Leonardo Branco**



Série Educação e Cidadania

Fisgando Oportunidades

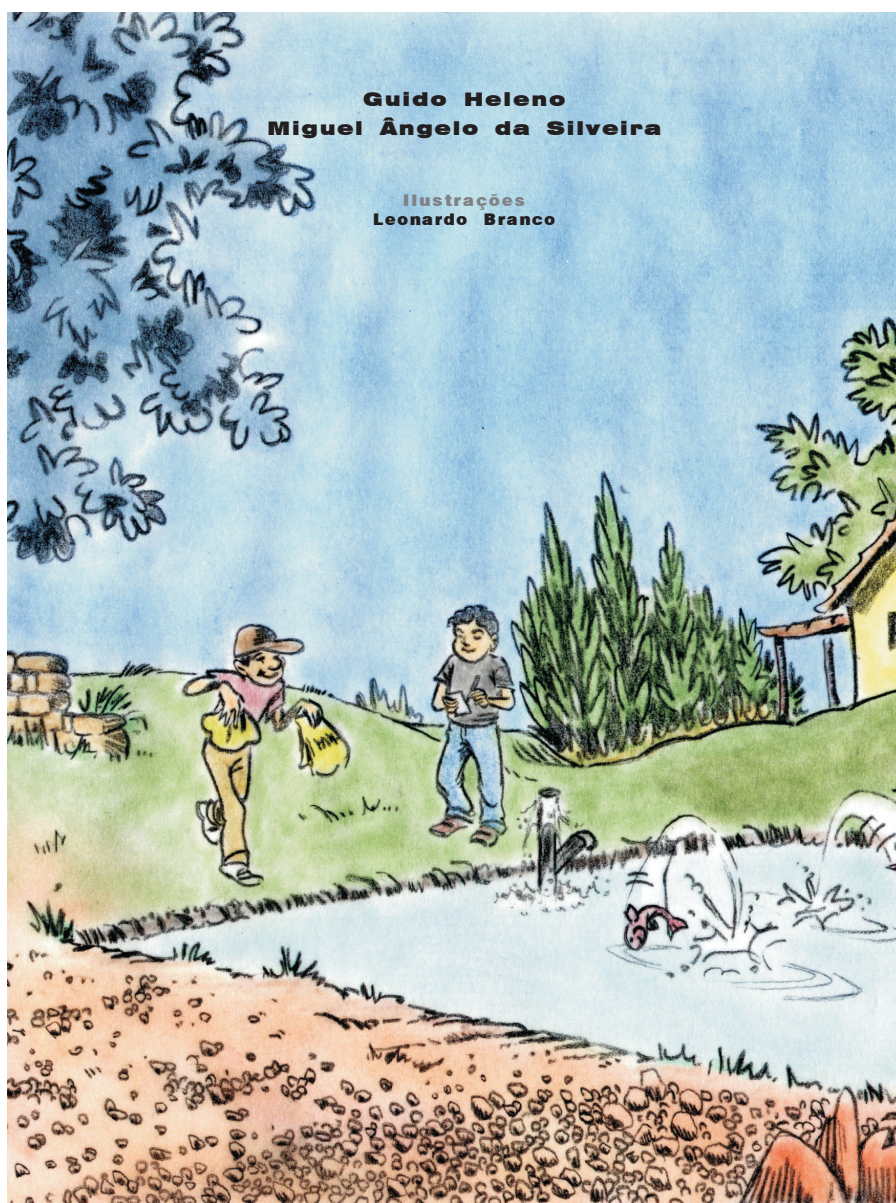


*Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

*Prefeitura Municipal de Patos de Minas
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

Série Educação e Cidadania

Fisgando Oportunidades



*Embrapa Informação Tecnológica
Brasília, DF
2004*

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

Embrapa Informação Tecnológica

Parque Estação Biológica (PqEB), Av. W3 Norte (final)
CEP 70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br/livraria
livraria@embrapa.br

Coordenação editorial

Edson Junqueira Leite
Lucilene Maria de Andrade

Edição e consultoria pedagógica

Elisa Guedes Duarte

Orientação técnico-pedagógica

Gisele Santos Damasceno
Marluci Maria Castro
Vicente Guedes

Autoria do conto *Fisgando Oportunidades*

Marluci Maria Castro
Gisele Santos Damasceno

Revisão de texto

Corina Barra Soares

Projeto gráfico da série e capa

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

1ª edição

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares
2ª impressão (2008): 1.000 exemplares
3ª impressão (2010): 1.000 exemplares
4ª impressão (2015): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2004): 1.500 exemplares
Edição especial para o Convênio Incra/Faped/Embrapa (2006): 1.000 exemplares
Edição especial para o *Fome Zero* (2007): 1.088 exemplares
Edição especial para o *Fome Zero – Quilombolas* Aditivo (2010): 380 exemplares

Prefeitura Municipal de Patos de Minas

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Rua Tenente Bino, 32, sala 11
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG
Fone: (34) 3822-9660
Fax: (34) 3822-9676
semec@patosdeminas.mg.gov.br

Coordenação do Projeto EdufaRural

Gisele Santos Damasceno
Supervisora Educacional

Marluci Maria Castro
Professora

Concepção do Projeto EdufaRural

Vicente Guedes

Elaboração do Projeto EdufaRural Original

Sérgio Celani Leite

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Embrapa Informação Tecnológica

Heleno, Guido.

Fisgando oportunidades / Guido Heleno, Miguel Ângelo da Silveira ;
ilustrações de Leonardo Branco.— Brasília, DF : Embrapa Informação
Tecnológica, 2004.

38 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-262-2

1. Educação rural. I. Silveira, Miguel Ângelo. II. Branco, Leonardo. III. Título.
IV. Série.

CDD 370.91734 (21.ed.)

© Embrapa 2004

Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Coopera, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro, não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

Clayton Campanhola
Diretor-Presidente da Embrapa

José Humberto Soares
Prefeito de Patos de Minas

Aos alunos

Aluno-personagem

*Este livro traz
retratos da vida
das coisas corriqueiras às mais ousadas
que vão tecendo a história
que vão contando histórias...
Deixe-se envolver
confundir-se
com essas tantas pessoas
que nele habitam...
Tudo é permitido:
vibrar com suas conquistas
chorar – mesmo que às escondidas
por qualquer motivo
que aflore a emoção
franzir a testa
nos momentos de desafios...
E tocar em frente:
fazendo
refazendo
somando
atando
desatando
partilhando...
Viaje por esse mundo!
Desvende
Vivencie
Descubra
Recrie
Se assim o desejar...*

Marluci Castro

“Nada em rigor tem começo
e coisa alguma tem fim...”
“Esta horária vida não nos deixa encerrar
parágrafos, quanto mais terminar capítulos.”
Guimarães Rosa



O grupo dos piores?

Se a história que vou contar é verdadeira ou fruto da imaginação de quem tem passado um terço de cada dia na companhia desses intrigantes seres, denominados adolescentes, eu não sei. Mas posso afirmar que qualquer semelhança não foi mera coincidência.

Tudo começou quando, pouco depois do início de mais uma aula de história, dona Teresa olhou para seus alunos com aquela expressão de desafio que atraía a atenção de todos e disse:

– Estou propondo uma pesquisa para resgatar e valorizar a cultura local e a importância da agricultura familiar. Trata-se de um trabalho de grupo, uma vez que exigirá atividades diversificadas, como estudo do meio, levantamento de dados sobre as comunidades dos alunos que estudam nesta escola e proposição de ações que visem à melhoria da vida no campo. A divulgação dos resultados será feita ao final dos trabalhos.

Diante do já esperado burburinho que se fez, a professora distribuiu a proposta do trabalho e uma ficha que, depois de preenchida coletivamente, serviria de roteiro, com cronograma, previsão de ações e até de recursos.

– Como podem observar, estou sugerindo o tema gerador ‘Cultura e Agricultura Familiar’, em razão, principalmente, do caloroso debate ocorrido na aula anterior.

Dona Teresa é uma dessas pessoas que está sempre estudando porque tem um grande desejo de saber um pouco sobre muita coisa e de provocar transformações. Nascera e crescera no meio rural. Para freqüentar a escola de ensino médio e a faculdade, tinha ido e vindo de carona no caminhão do leiteiro, de carroça, de moto, de ônibus. Diplomou-se e vem se formando professora. Atua na Escola Municipal Tecendo Vivências, localizada no distrito de Matinha, município de Lagoa dos Patos.

Pois bem, sabedora dos limites e das possibilidades oferecidas pelo meio rural, ela vem praticando uma educação desafiadora e democrática.

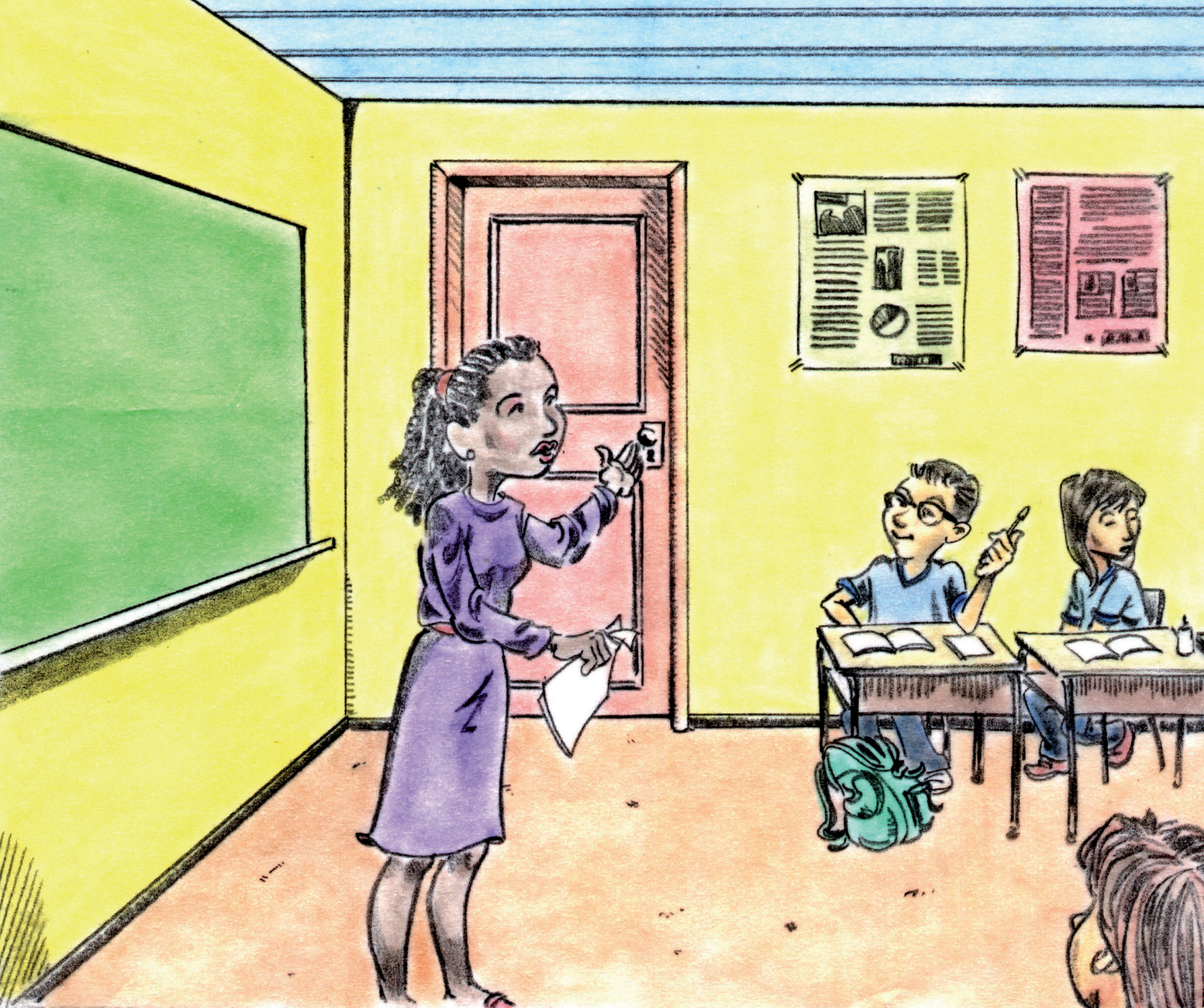
Mas voltemos à sala de aula.

Perguntas, respostas, bom senso, consenso, ficou decidido que as equipes de trabalho seriam definidas pelos próprios alunos, considerando os interesses e a facilidade de acesso de todos.

Aconselhava dona Teresa:

– Os membros de um grupo não precisam, necessariamente, concordar uns com os outros. Muitas vezes, dos conflitos é que nascem as melhores decisões. Mas têm que ter objetivos comuns, estar no mesmo barco.

Decidiram também que cada equipe, por meio de sorteio, ficaria responsável por pesquisar um dos seguintes assuntos: “A agricultura familiar no Brasil e em Lagoa dos



Patos”; “Manifestações culturais locais”; “Tecnologias aplicadas e geradas na agricultura familiar”; e “Habilidades gestoras na agricultura familiar”. Escolheriam a melhor forma de apresentar os resultados a toda a comunidade escolar.

A professora se propôs a acompanhar semanalmente o desenvolvimento de cada equipe. Em dezembro, seria feita a apresentação, culminando com as festividades de encerramento do ano letivo.

A turma do terceiro ano do segundo ciclo era formada por 20 alunos. Turma pequena, triste constatação de que o êxodo rural tem provocado o esvaziamento e até o fechamento de muitas escolas no campo. Os alunos, na sua maioria, moravam em comunidades vizinhas à da escola e por isso utilizavam o transporte escolar, exceto Jorjão e sua prima, Sula, que residiam na própria Matinha.

Como é comum à idade, os alunos rotulavam uns aos outros conforme uma característica marcante: o responsável, o custoso, o bom mas conversador, o apático, o brincalhão demais, o tímido, o “bom-de-serviço” – o que contribuía para caracterizar a turma: desafiadora.

Naquela semana, a turma ficou em polvorosa: agrupa daqui, desfaz dali, três grupos foram, enfim, formados. Sobraram, porém, cinco alunos, que se viram obrigados a se juntar. Por alguma característica que os diferenciava da turma, foram preteridos pelos demais. Assim, Jorjão, Sula, Abel, Bruno e Érica formaram o quarto grupo.

– Poxa! nenhum dos bonzinhos, nenhum dos gênios! Estamos lascados! – exclamou Jorjão, olhando para os colegas de grupo.

Sula, controlando sua revolta, disse:

– Olha aqui, Jorjão, sei que nosso grupo já está sendo chamado de “O grupo dos piores”. Fomos rejeitados, é verdade. Mas se não sou um gênio, também não sou burra... E tem mais: acredito que cada um de nós tem um potencial a ser explorado.

Bruno, em apoio ao amigo Jorjão, ameaçou reclamar, mas desistiu quando viu que dona Teresa se aproximava.

– Antes de mais nada, quero dizer que confio nesta equipe. Já pensaram em alguma coisa?

– Sim, professora. Por que a senhora não coloca cada um de nós nos outros grupos já formados? Aí nossas chances serão bem maiores – sugeriu Bruno, com sua habitual preguiça em relação às coisas da escola.



Mesmo percebendo o riso de alguns integrantes do grupo, dona Teresa não reagiu à provocação. Pelo contrário, demonstrando entusiasmo, detalhou os passos iniciais para um bom planejamento do trabalho:

– Quero que vocês leiam atentamente a proposta e o roteiro que discutimos na aula anterior. Isso vai ajudar. Sei que têm boas idéias. Definam o coordenador e as primeiras ações; aí voltaremos a conversar, combinado?

Sem esperar pela possível manifestação, a professora passou a outro grupo, continuando sua tarefa de orientadora. Os cinco jovens ficaram calados, esperando que alguém tomasse uma iniciativa. Até que Érica explodiu:

– Que abacaxi! Já vi que vamos nos dar mal! Deste mato não sai coelho, mesmo!

– Pois acho que vamos ter que inventar o coelho e até o mato se for preciso, pois não estou a fim de pagar mico! – desafiou Abel.

Ninguém chegou a ouvir, mas Jorjão deixou escapar um suspiro. Ele tinha plena consciência de que era visto como rebelde, às vezes, sem causa.

Depois, observando cada um dos componentes de seu grupo, perguntava a si mesmo se eles também não teriam motivos para parecerem desajustados. É indiscutível que ninguém gosta de ser rejeitado, rotulado de bagunceiro, preguiçoso ou criador de casos.

Em sua silenciosa análise, o olhar de Jorjão parou inicialmente na prima, Sula, “o bichinho-do-mato”. Ele sabia que, desde o dia em que o pai abandonara a família, desaparecendo sem dar notícias, a prima tornara-se muito arredia.

Quanto a Abel e Bruno, Jorjão sabia que eles mais se empenhavam em parecer diferentes e revoltados do que realmente o eram. Ambos trabalhavam muito em suas propriedades e alimentavam um enorme desejo de mudar para a cidade. Sentiam-se desanimados, sem perspectivas, costumavam dizer que “ficar no cabo da enxada não dá futuro pra ninguém”. Gostavam mesmo era de ir à cidade e gastar todas as economias nas salas de jogos: nos videogames ou nos computadores em rede. Era o mundo virtual que os encantava.

Por último, seu olhar parou em Érica. Ela era bonita e poderia ser admirada por todos se não fosse aquela mania de falar demais e de querer resolver tudo à sua maneira, suscitando uma certa antipatia por parte dos colegas. Para Jorjão, Érica era um mistério.

– Como ninguém vai mesmo se candidatar a ser o coordenador do grupo, sugiro fazer um sorteio.

– Boa idéia, Sula! Como nunca ganhei nem em rifa, não vai ser agora que minha sorte vai mudar! – disse Bruno, rindo.

Diante do olhar de todos, Érica escreveu o nome de cada um em pequenos pedaços de papel, que foram dobrados para que Abel escolhesse um deles. O sorteado foi: Jorjão!

– Nada disso! Sabem que não levo o menor jeito! – reagiu o rapaz, querendo anular o sorteio.

– Sorte é sorte, cara! – ironizou Bruno, já comunicando à professora quem era o coordenador do grupo.



Inconformado, Jorjão nem se deu conta de que dona Teresa pedia silêncio.

Sula cutucou o primo, cochichando:

– Pare de resmungar e ouça a professora, senhor coordenador!

– Como este trabalho vai exigir pesquisa de campo, entrevistas e visitas, vocês serão liberados das aulas durante duas horas por semana, em dias alternados, quando então deverão se reunir aqui na escola e solicitar, se quiserem, a ajuda dos professores disponíveis. É um trabalho interdisciplinar.

– Muito bom, professora! – interferiu Regina, já prevendo que o grupo dela faria o melhor trabalho.

Antes de encerrar aquela aula, a professora comunicou que todos os recursos de que dispunha a escola – máquina fotográfica, filmadora, retroprojeto, televisão, videocassete – ficariam à disposição dos alunos.

A professora sabia bem o que fazia. Ao contrário dela, o “Grupo dos piores” não tinha ainda encontrado o “fio-da-meada”...

– Gente, vamos cumprir a tarefa, pois não temos escolha!

– Será que não temos mesmo escolha, Jorjão?! – disse Sula, falando mais para si mesma.

Em vez de responder, Jorjão fingiu estudar a proposta novamente.

Abel e Bruno já pensavam que a única chance de obter sucesso seria pedir ajuda ao seu mágico mundo virtual: flashes, luzes, seres superpoderosos, manobras radicais, altos escores povoavam a imaginação daqueles dois.

– Ô, gente, vamos fazer assim: cada um faz uma parte, me entrega, que eu organizo e pronto! – retrucou Érica.

– Parte de quê? Nem sabemos ainda como vamos fazer esse trabalho! – disse uma desolada Sula.

Tocou o sinal, indicando o final das aulas. Jorjão, desajeitado, querendo mostrar serviço, pediu que cada um pensasse formas de desenvolver o trabalho, pois teriam duas horas no dia seguinte para definir por onde começar.

Como de costume, Sula e Jorjão foram juntos para casa. Desta vez, porém, Sula sentia um Jorjão preocupado, pensativo.

– Sula, estou tão preocupado! É a primeira vez que sou coordenador de um grupo. Será que vou conseguir fazer alguma coisa que preste?

– Olha, Jorjão, eu também estou meio confusa. Deu uma vontade de fazer um trabalho bom. Somos capazes de surpreender muita gente...

E ali, diante do portão da casa de Sula, os dois primos empregaram um bom tempo falando da escola, dos colegas, da dona Teresa... Principalmente de si mesmos. Muitas constatações e descobertas fizeram sobre a vida. Quem reparasse veria um novo brilho nos olhos deles.

No ônibus, a caminho de suas casas, Bruno e Abel, sentados no primeiro banco, desta vez não falavam de jogos. Ponderavam sobre a importância de conhecer a história da agricultura. Sempre moraram no meio rural, trabalhando ao lado dos pais. Percebiam-se mais pobres a cada dia, sem chances de progredir, sem perspectivas de ter uma ocupação mais rentável.

Érica seguia, pensativa. Abominava a idéia de fazer trabalho de grupo. Por mais que se esforçasse, tinha enorme dificuldade em aceitar as opiniões dos outros. Afinal estava acostumada a cuidar da casa e dos irmãos mais novos, sozinha. Nunca recebera a ajuda de ninguém... Por que agora tinha que fazer um trabalho daqueles na companhia de colegas piores do que ela?! Por outro lado, pensava na possibilidade de se encontrar mais vezes com Jorjão. Essa, sim, era uma idéia que lhe agradava.

Entre sacolejos e pensamentos, cada um rumava para casa. Foi, como todos souberam mais tarde, um dia cheio de inquietações e muitas idéias.

No dia seguinte, Sula chegou muito animada e foi logo contando para Érica a conversa que tivera com Jorjão.

– Olha, se quisermos, nosso trabalho poderá ser muito bom. Deixar passar a oportunidade de fazer algo por nossas comunidades, por nós mesmos, é burrice, não acha?

Sula, sempre tão quieta e amuada, falava com tanto entusiasmo que acabou por contagiar a colega.

– É uma boa idéia! Mas será que os meninos vão querer se dedicar, de verdade?!

– O Jorjão está a fim de entrar nessa pra valer. Ele é assim, brincalhão, meio bobão, mas na verdade só está disfarçando a timidez. Ele se considera muito desajeitado com aquela magreza e altura toda. Por isso, apronta tanta palhaçada. Tenho certeza que será um grande companheiro nessa empreitada.

– Nossa, ele é tão lindo! – disse Érica tão baixinho que nem Sula pôde ouvir – E quanto ao Abel e ao Bruno?

– Bem, aqueles vivem no mundo dos jogos. E vai ser de lá que vão tirar umas idéias novas, diferentes... E como vão muito à cidade, poderão ajudar muito.

– É, acho que você tem razão.

– O quê? Será que eu ouvi você dizer que “alguém pode ter razão”?! Ah! o mundo tá mudado!

– Não chateia, Sula. Olha como você está empolgada e faladeira.

Essas palavras, dizem, inauguraram uma grande amizade.

Naquele dia, quando dona Teresa sentou-se com o grupo, constatou com grande alegria que aqueles alunos estavam mesmo dispostos a trabalhar. É verdade que pareciam ainda meio perdidos, sem saber por onde começar... Por isso, resolveu se dedicar com mais frequência e entusiasmo àquela equipe. Não conseguia esconder a admiração por gente disposta a promover mudanças, principalmente mudanças internas.

Durante três meses, os alunos da turma do terceiro ano da Tecendo Vivências trabalharam com afinco. Foi grande a movimentação na escola e nas comunidades. Muitas entrevistas, visitas, pesquisas. Muita gente envolvida: pais, professores e alunos permaneciam na escola em horário extraturno. A extensão rural e outros órgãos ligados a questões rurais, ambientais e à pesquisa foram mobilizados. Os Conselhos de Desenvolvimento tornaram-se grandes parceiros.

Pelo empenho, pela perseverança, pela organização, pela criatividade, um grupo se destacava dos demais: “A Equipe” – nome sugerido por Érica e acatado por Sula, Jorge, Abel e Bruno.

E acreditem, Jorjão, depois de tantas descobertas, fazia questão de ser chamado pelo nome de batismo – Jorge, que significa “aquele que trabalha a terra, agricultor”.

Nesse tempo, aconteceram muitas coisas: discussões, brigas, entendimentos, desentendimentos, consensos... Tiveram que aprender a respeitar uns aos outros; tiveram que demonstrar o que queriam; alguns começaram a descobrir suas potencialidades e até as coisas interessantes do mundo real.

Dona Teresa era toda atenção:

– Marcaram a entrevista com o gerente do Banco do Brasil? Já decidiram como irão à cidade? Olhem, os jornais da semana já estão na biblioteca.

A Equipe era só trabalho.

– Érica, você já terminou os retoques no texto da peça que vamos apresentar?

– Abel, vai dar mesmo pra levar o material do panfleto para o patrocinador?

– Gente, faltam ainda alguns dados sobre a Revolução Verde. Temos que ficar na escola amanhã à tarde para pesquisar mais. Dona Teresa também vai ficar para fazer uma revisão geral do trabalho.

– A professora de arte disse que poderá se reunir conosco ainda nesta semana, para mais um ensaio da abertura do trabalho.

E chegou o grande dia!

A Tecendo Vivências estava repleta: eram pais, alunos, trabalhadores da escola, representantes de vários Conselhos e visitantes provenientes de outras comunidades.

Podiam-se perceber, pela limpeza, pela organização e pela belíssima decoração do pátio, o esforço e a dedicação do pessoal nos preparativos do evento.

Ouvido o discurso do senhor Agostinho, diretor da escola, e as palavras de dona Teresa, que relatou os objetivos e o processo de construção daqueles trabalhos, deu-se início às apresentações.

Aqui, vamos nos ater a um único trabalho por uma importante razão: mudanças são possíveis e necessárias.

Jorge, o coordenador do grupo, subiu ao palco e anunciou A Equipe e o tema pesquisado.

As cortinas se abriram:

– No próximo sábado, vai ter início mais um curso de defumação de todo tipo de carne, destinado àqueles que querem desenvolver uma nova atividade econômica em sua propriedade rural – disse Érica, com entonação e postura de experiente atriz.

– Mais um curso completo de criação de abelhas – acrescentou Bruno, que se postava imóvel ao lado de Érica.

Da mesma forma se comportou Abel:

– Um curso de criação de avestruzes será realizado nos dias 29 e 30 deste mês. Poderão participar técnicos, estudantes de Ciências Agrárias e demais interessados em estrutocultura.

E depois Sula:

– Mais um curso de compostagem para cogumelos, com acompanhamento personalizado, que pode ser feito na propriedade do aluno.



Jorge continuou a apresentação. Usava o retroprojeto, estratégia utilizada pela A Equipe para que o público pudesse acompanhar melhor a apresentação, além de garantir um bom desempenho ao coordenador, que estava um pouco nervoso.

– Pois é, nem sempre foi assim!

No início, homens e mulheres livres, primitivos (primitivos?!), ocupavam a terra e dela tiravam seu sustento. Só o que precisavam para viver. E a harmonia reinava na natureza!

Se a liberdade é um bem conquistado ou permitido – lembrando que ‘todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...’ –, o fato é que, por causa do progresso, da modernidade e do desenvolvimento, muitos homens e mulheres do campo se vêem hoje sem alimento, sem trabalho, sem terra, sem identidade, sem liberdade.

Desde o século 18, já se falava em progresso. Nossa bandeira, criada no século 19, traz como lema ‘Ordem e Progresso’, alusão ao crescimento econômico almejado por um jovem país. Mas, como se sabe, esse crescimento ocorreu apenas para uma pequena parcela da população. A maioria empobreceu. Foi um período marcado por grande exploração do ser humano e destruição do meio ambiente.

No século 20, a partir dos anos 50, a idéia de desenvolvimento, como sinônimo de progresso, passou a ser usada entre os estudiosos de economia e até pela população. Como o Brasil, por ser pouco desenvolvido, era considerado atrasado, as autoridades acharam melhor imitar modelos de países ricos ou avançados.

Assim se deu a grande separação entre a agricultura e a indústria, entre o rural e o urbano. À agricultura coube o papel de fornecer matéria-prima e mão-de-obra barata e de consumir produtos em decorrência da indústria.

Esse modelo de desenvolvimento ficou conhecido como Revolução Verde, um plano elaborado sem nenhuma participação dos agricultores e de suas organizações. Entraram em cena os adubos químicos, os agrotóxicos, a monocultura, máquinas e equipamentos, as multinacionais.

As questões sociais, culturais e ambientais foram desconsideradas!

As conseqüências foram desastrosas: degradação dos solos; contaminação das águas; assoreamento de rios, lagos e represas; desaparecimento de várias espécies animais e vegetais; efeito estufa; num período de 20 anos, elevação, de 75 para 80 milhões, dos habitantes do meio rural vivendo na pobreza; êxodo rural...

Ao longo dos anos 90, o distanciamento entre as propriedades familiares e os

grandes empregadores aumentou. Pequenas e médias empresas familiares, que até então vinham se fortalecendo, perderam espaço.

Mas, graças à resistência e aos esforços de muitos agricultores e de organizações comunitárias, governamentais e não-governamentais, a construção do novo rural vem trazendo esperança para nossa gente.

O novo Jorge, seguro, sério e muito bem informado, foi muito aplaudido.

Depois vieram breves documentários em vídeo.

Carlos, do Banco do Brasil, informando sobre as novas modalidades de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar: Pronaf Agregar, Pronaf Integrado Coletivo, Pronaf Mulher, financiamento para jovens e técnicos agrícolas maiores de 16 anos.

Vera, da extensão rural, discorrendo sobre as novas atividades econômicas, até então consideradas lazer, que se configuram hoje em oportunidades de negócio: criação de aves nobres e exóticas; cultivo de cogumelos; apicultura; educação, lazer e turismo rural; produção de ervas aromáticas e medicinais; floricultura; aquicultura; fruticultura de mesa; defumação de carnes diversas; produção de doces...

Artur, da Faculdade de Administração, explicando o que eram nichos de mercado, famílias pluriativas, e mostrando os desafios a rapazes e moças do meio rural.

Num grande painel, gráficos, tabelas, boletins, textos revelavam dados importantes sobre a realidade rural brasileira: as novas ocupações agrícolas e não-agrícolas.

O setor de emprego doméstico é apontado como líder na absorção de postos de trabalho não-agrícolas.

Quase 700 mil filhos e 200 mil filhas de agricultores deixaram as atividades agrícolas ao longo dos anos 90.

Mais de três milhões de famílias desenvolvem alguma forma de pluriatividade no Brasil.

Dos 294.765 estabelecimentos classificados como familiares, 126.180 utilizam força de tração mecânica ou equipamento de terceiros – é a terceirização dos trabalhos e dos serviços agrários.

E tantas foram as informações quanto foi grande o interesse das pessoas em conhecer dados relevantes sobre o meio rural.

Num estande, no pátio da escola, A Equipe estava a postos, distribuindo panfletos informativos e explicando minuciosamente o cenário da agricultura familiar de Lagoa dos Patos. Sempre reforçando que falar de alternativas para a agricultura familiar é falar sobre capacidade de organização.

– Sabiam que em nosso município há 53 Conselhos de Desenvolvimento Comunitário?!
– dizia Jorjão, desculpe-me, Jorge, eufórico.



– E mais: 76% dos estabelecimentos rurais de Lagoa dos Patos são de agricultores familiares, os quais detêm cerca de 42% da totalidade da área rural e apenas 28% do valor bruto da produção, o que nos mostra que a agricultura familiar é um importante segmento, mas se encontra em precárias condições de sustentação – informava Érica, indignada.

O trabalho d'A Equipe foi tão bom e tão consistente que o jornal local, *A Folha de Lagoa dos Patos*, se interessou em publicá-lo. Alunos dos cursos de História, Pedagogia, Administração e Agronomia fizeram questão de conhecê-lo detalhadamente.

Os outros trabalhos também foram interessantes, mas A Equipe se destacou principalmente pelo fato de que muitos “tinham a certeza de que o grupo dos piores seria um fracasso”.

Atualmente, “pior” é uma palavra excluída da relação de adjetivos da escola e da comunidade. “Possível” é a palavra de ordem.

Amizade, namoro também estão em alta.

Érica e Jorge estão de namoro firme e com idéias formadas, brilhantes, muitas já sendo disseminadas!

Sula e Érica, grandes amigas.

Os amigos virtuais, sem perder a fantasia, já traçam novos rumos num mundo rural, mais real.

– Eta povo empreendedor! – diz dona Teresa, que a cada ano inventa novas formas de atijar a “adormecida” vontade em muitos.

Um começo de história está contado. Você quer saber o fim?

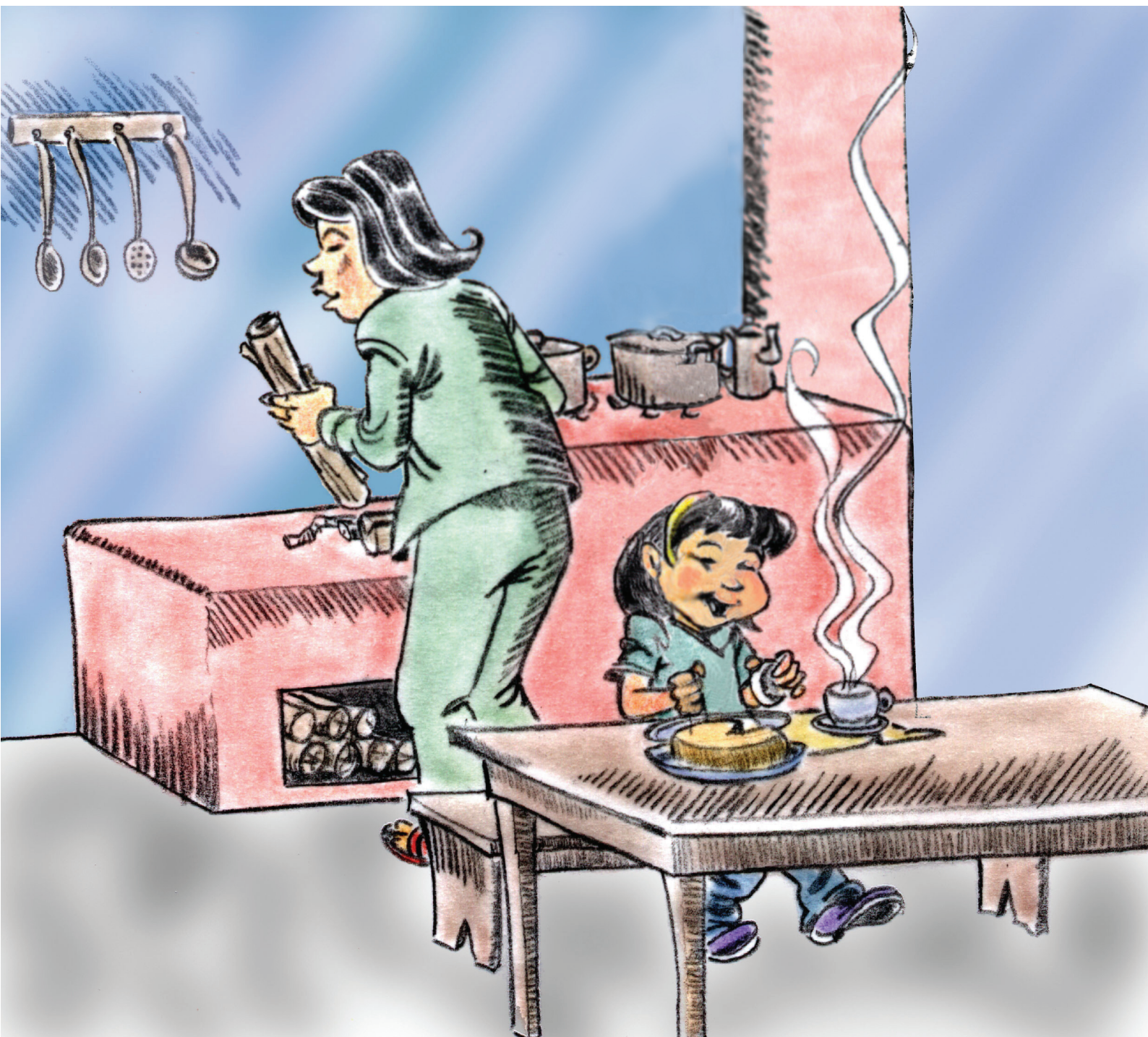
Que tal começar pelos meios?!...

Um rico tesouro

Dona Alice vive em sua pequena propriedade rural, situada em Barreiros, comunidade distante uns 30 quilômetros de Lagoa dos Patos, com os cinco filhos, dois dos quais têm mais de 18 anos. Clara, com dez, é a caçula. É a tagarela da família.

Naquela manhã, enquanto tomava café com bolo de mandioca, a menina confidenciou:

- Mãe, tive um sonho estranho essa noite.
- E que sonho foi esse, filha?
- Sonhei com papai falando sobre um tesouro.



Dona Alice, como sempre, não espichou aquela conversa. Com efeito, a menina vivia sonhando com o pai. Desde que Sebastião morrera, ela não parava de falar nele.

– Clarinha, é porque você era muito agarrada a ele. De onde estiver, sei que olha por nós, aqui na Terra.

– Será mesmo, mãe? Nossa vida ficou mais difícil sem papai!

Apesar da pouca idade, Clara tinha noção das dificuldades que a família enfrentava desde que o pai falecera, pois era ele quem cuidava dos negócios. A propriedade em que viviam, como a maioria das unidades familiares no Brasil, era pequena, apenas 12 hectares. A renda que obtinham provinha da venda de frangos, galinhas e ovos caipiras, de hortaliças, frutas da época e alguns litros de leite.

Naquele dia, especialmente, Clarinha estava pensando na situação de sua família. Manoel, o irmão mais velho, trabalhava na fazenda Mata Grande. Sua irmã Luísa também começara a trabalhar lá, como doméstica. Marcelo era o principal responsável pelas atividades agropecuárias desenvolvidas na propriedade, mas sonhava com uma vida melhor que pensava encontrar na cidade. Cássia, com seus 13 anos, ajudava a cuidar da casa e da comercialização dos produtos na Feira do Produtor.

– O que está matutando, menina?

– Mãe, estou pensando na vida.

– E você faz outra coisa, meu bem?! Às vezes, acho que você deveria aproveitar mais sua infância. Deixe que nessas coisas sérias pensamos nós!

– Ora, mãe, eu também faço parte da família. Apesar de ser criança, quero saber como é que andam as coisas. Tenho muito medo que vocês desistam de lutar e resolvam vender nossa terrinha. Papai ficaria tão triste com isso!

– Olha, minha filha, com pouco dinheiro fica muito difícil manter nossa propriedade. Não gostaria que seus irmãos precisassem trabalhar para outras pessoas. Os outros crescem e nós permanecemos no mesmo lugar. Não paro de pensar nisso!

– Eu também penso muito nisso, mãe.

– Bom, agora tente se concentrar em suas tarefas da escola. Você ainda precisa me dar uma mãozinha no almoço e daqui a pouco tem que se arrumar para pegar o ônibus.

Enquanto adiantava o almoço, dona Alice, de soslaio, observava a filha, brigando consigo mesma para não se desviar das atividades escolares.

Quando, finalmente, Clarinha conseguira concentrar-se nos deveres, foi despertada pela conversa entre a mãe e Marcelo, que, prestes a completar 18 anos, vivia reclamando que não tinha uma renda fixa. E por isso estava pensando em se mudar para a cidade.

– Será que a cidade pode oferecer o que você quer?! – perguntou dona Alice.

– É que eu estou cansado de viver assim: um dia ganho dinheiro, no outro, nada! Gostaria de conseguir algo mais certo para mim, para nossa família.

Dona Alice ficou olhando para Marcelo, imaginando o que podia dizer ou fazer para animar o filho. Só tinha uma certeza: queria os filhos perto dela, mas queria também que tivessem qualidade de vida. E isso, no meio rural, estava cada vez mais difícil.

Sem dizer nada, o rapaz abraçou-se à mãe. Se pensava em tentar a vida em outro canto era por falta de oportunidade no campo. Gostava de viver ali.

Clara entrou na sala fingindo não ter ouvido nada. Na tentativa de amenizar aquele clima, perguntou:

– Será mesmo que tem um tesouro enterrado em nossas terras?!

– Olha, Clarinha, nossa propriedade é tão pequena que, se tivesse algum tesouro enterrado por aqui, eu já teria tropeçado nele! – comentou Marcelo, sorrindo.

No final daquela tarde de sexta-feira, Manoel e Luísa chegaram. Como era dia de acerto da primeira quinzena do mês, Manoel foi logo entregando, à mãe, parte de seu salário.

– Mãe, toma aqui. Ah, como amanhã é feriado, estou pensando em dar um pulinho até Lagoa dos Patos. Vou de carona com o Rodrigo e volto amanhã à tarde ou no domingo, pela manhã. Estou precisando passear um pouco; além disso, faz muito tempo que não vejo a madrinha Lília.

– Está bem, meu filho. Juízo, heim! E quanto a você, minha filha, já acertaram os detalhes sobre seu salário?

– Ah! mãe, ficaram de me pagar só no final do mês. E nem sei ainda quanto vou ganhar – disse Luísa, desanimada.

Quando dona Alice perguntou se iam assinar a Carteira de Trabalho, a filha balançou negativamente a cabeça.

A mãe se preocupava com isso. Sofria pelo fato de o marido, por falta de orientação, nunca ter contribuído com a Previdência. Por isso, ela sequer podia contar com uma pequena pensão. O desconhecimento de certos assuntos pode trazer consequências negativas para uma vida inteira.

Após aquela conversa, dona Alice, pensativa, foi para os lados do galinheiro, levando milho para alimentar as aves. Clara, que acabara de chegar da escola, foi ao seu encontro.

– Mãe, estive pensando durante as aulas... A senhora sempre diz que tem planos... Mas que planos são esses? Sei que está fazendo um sacrifício danado para juntar um dinheirinho na poupança. O que pretende fazer com ele?

– Clara, você é ainda uma menina, não se preocupe tanto com essas coisas.

– Mãe, na escola, leio muita coisa sobre o meio rural. Estou bem informada. Tem coisas que sei até mais do que o Manoel e a Luísa.

– Então, dona sabida, pra que acha que estou insistindo em fazer umas economias?

A resposta da filha surpreendeu dona Alice.

Ela disse que a mãe buscava encontrar uma forma de a família melhorar de vida, com todos os filhos trabalhando na propriedade.

– É isso mesmo, minha danadinha, você é muito esperta e observadora! – concordou dona Alice, terminando de encher os comedouros, para a alegria das aves.

– Tá vendo como sei das coisas, mãe?! Só que isso tem que acontecer logo. Viu como o Marcelo está desanimado?

– Não sei bem o que pode ser feito... – lamentou dona Alice, olhando o sol se pôr, devagarinho.

– Por que não aproveitamos a oportunidade, já que todos estão aqui, hoje, para fazer uma reunião? Lá na escola aprendi que muitas soluções nascem da troca de idéias, de conversas.

Dona Alice concordou. As duas voltaram abraçadas para casa.



– Bom, mocinha, hoje vai sobrar para você. Vai ter de me ajudar a preparar o jantar. A Cássia está fazendo uma pesquisa escolar há horas e, pelo jeito, não vai terminar tão cedo.

– Está bem, mãe, o que eu não faço pela senhora? Agora, em relação à Cássia, vou pondo na conta.

– Você não tem jeito mesmo, minha tagarelinha!

Enquanto se serviam da sobremesa – doce de cidra com queijo – e antes que Manoel saísse, a mãe pediu que todos permanecessem sentados à mesa.

Começou dizendo que, pelo fato de a propriedade ser pequena, precisavam aproveitá-la melhor. Falou do dinheiro que vinha juntando e da vontade de fazer algum investimento, algo novo que desse lucro suficiente para que todos pudessem permanecer ali.

– O que acham? Alguém tem alguma idéia?

Cássia foi a primeira a falar, dizendo que gostava muito de flores, de plantar mudas, de cuidar de roseiras.

– E o que isso tem a ver com o que nossa mãe está falando? – quis saber Manoel, já um pouco apressado.

Então a menina explicou que o Brasil é um grande consumidor e exportador de flores. A floricultura é um negócio que tem mercado garantido, além de não exigir um investimento muito alto.

Marcelo, que também cultivava interesse pelas flores e por atividades alternativas no meio rural, complementou:

– Realmente há muito campo para isso. Muitas flores, ao contrário do que se pensa, são muito resistentes e, se corretamente colhidas, embaladas e transportadas, conservam-se por muito tempo. Há muito que eu e a Cássia falamos sobre isso. Gostaria muito de desenvolver aqui uma atividade como essa. Mas, para isso, precisamos da ajuda de todos e até de outros proprietários que estejam interessados em investir nisso. A extensão rural e outros órgãos ligados ao campo podem ajudar bastante, principalmente no estudo de mercado e na aquisição de empréstimos.

– É isso aí, Marcelo! Além do mais, para produzir flores, não precisamos de grandes extensões de terra e o clima daqui é apropriado.

Dona Alice se animou com o entusiasmo dos filhos. Principalmente porque via Marcelo interessado por outra atividade.

Manoel, com seu ar sisudo, de certa forma jogou um balde de água fria no ânimo de todos:

– Isso é maluquice. Mais dor de cabeça. Por aqui não há mais o que fazer. Vou ver se consigo um serviço para o Marcelo lá na fazenda Mata Grande. Acho melhor pararem com sonhos idiotas. Gosto de viver com os pés no chão. Sonhos é pra quem tem dinheiro sobrando.

O comentário de Manoel irritou Cássia profundamente. Ela foi logo se levantando da mesa, dizendo que era melhor assistir a sua novela do que perder tempo em reunião com gente de cabeça dura.

– E quem é o cabeça-dura aqui, sua mimadinha sonhadora?!

– Você é o maior cabeça-dura que conheço! – respondeu Cássia, encarando o irmão.

– Calma, gente! Podemos conversar sem brigas!

A intervenção de dona Alice fez todos calarem momentaneamente. Manoel, moderando a voz, finalizou dizendo que não tinha nenhuma idéia a apresentar e que, apesar de ser um cabeça-dura, bem ou mal contribuía para o sustento daquela casa.

Levantou-se, beijou a mãe na testa e disse que precisava ir, para não se atrasar. Marcelo também fez menção de se levantar, mas a mãe lhe pediu:

– O Manoel, hoje, não está mesmo com cabeça para reuniões. Ele está muito cansado. Mas podemos continuar a conversar, não é mesmo?

Cássia disse que, se todos concordassem, poderiam começar a buscar informações sobre a produção de flores e mais esclarecimentos sobre crédito rural. Acrescentou que, por intermédio da escola, seria possível fazer alguns contatos, já que havia muitos parceiros interessados em contribuir para a promoção do desenvolvimento das comunidades rurais.

Precisavam definir o que realmente queriam, pois, para pleitearem um financiamento pelo Pronaf, era preciso elaborar um projeto de vida familiar, ou seja, o que se pretendia desenvolver na propriedade, os passos a serem seguidos: verificar o tipo de financiamento que a família podia fazer, considerando os objetivos, a renda, a capacidade de pagamento...

Vendo que Luísa não abria a boca, a mãe provocou:

– E você, filha, não tem nada a dizer?

– É verdade que não gosto do meu trabalho lá na fazenda. Eu me mato de trabalhar, mas nem sei ainda quanto vou ganhar. Mas, bem ou mal, tenho uma ocupação remunerada. Não posso trocar meu emprego por idéias.

– Tem razão, filha. Inicialmente você continua com seu emprego. Tudo tem que ser bem planejado. Mas precisamos do apoio de todos. Sempre fomos uma família unida e não vai ser agora que as coisas vão mudar, não é?!

– Quanto a isso, estou disposta a apoiar no que for possível – ajuntou Luísa.

– E eu? Também quero fazer parte desse negócio – disse Clara, subindo em uma cadeira, para parecer mais alta do que todos.

Os meses seguintes foram de muita conversa, estudos e, sobretudo, de muitas reuniões com pessoas interessadas no cultivo de flores. Surgiram até outras idéias para o desenvolvimento de novas atividades alternativas paralelas. Contavam também com o apoio

e a experiência de comunidades que já estavam organizadas: Lajeado, Manipueira, Cerradinho, Paranaibinha, Arraial dos Currais e outras.

Durante esse tempo, não houve uma semana sequer em que Clara não tivesse sonhado com o tal tesouro.

– Em todos os meus sonhos, papai está feliz! Parece concordar com toda essa movimentação – não se cansava de repetir a menina.

As idéias começaram a se concretizar. Depois de participarem de um curso oferecido pela extensão rural, Cássia e Luísa se especializaram na fabricação de doces, principalmente das delícias cristalizadas. Produziam, juntamente com outras vizinhas, boa quantidade para comercializar na Feira do Produtor de Lagoa dos Patos.

Luísa acabou deixando o emprego na fazenda, passando a se dedicar inteiramente à nova atividade e ao empreendimento das flores, o que lhe gerava maior renda e maior satisfação.

Marcelo trabalhava com afinco. Era o representante oficial da família nas várias reuniões que freqüentava junto com dona Alice.

Aos poucos, Manoel ia se contagiando com aquela energia empreendedora da família. Já trocava idéias e dizia que começava a elaborar alguns planos.

Rico Tesouro foi o primeiro livro que Clara escreveu. Narrava a história do cultivo de flores e dos movimentos das comunidades. A menina caprichou na capa e na dedicatória. E também na ilustração, de sua autoria.

Na noite de autógrafos, Clara era a escritora mirim mais badalada da região. Seu *Rico Tesouro* era um sucesso. Todos teciam elogios à sensibilidade da menina e as sábias palavras de sua mãe – prefaciadora da obra –, que passou a ser referência de perseverança na comunidade porque não se fartava de adquirir novos conhecimentos.

As oportunidades não batem a nossa porta. As pessoas não vêm saber o que a gente quer. Nós é que temos que lhes dizer o que queremos e procurar os meios para a realização do que se almeja.

O tesouro de uma comunidade são seus talentos humanos. Só as pessoas é que realmente podem fazer a diferença.

Há muitos tesouros por aí, é preciso descobri-los e lapidá-los.

Clara, nossa escritora mirim, apesar de sua pouca idade, por ser uma jóia rara, ajudou-nos a entender isso e, assim, descobrir nosso rico tesouro.

As palavras de dona Alice não só estimulavam a leitura do livro da filha, como, principalmente, uma releitura da vida...

Flores, sonhos e planos foram plantados; mudanças serão certamente colhidas!



Conversa de compadres

– Boa tarde, compadre Jacinto!

– Boa tarde, compadre Nicácio! Se mal lhe pergunto, está vindo de onde?

– Nem te conto... Venho lá do Conselho Comunitário.

Mas seu Nicácio contou!

Disse que havia participado de uma reunião. Contou sobre as informações que foram repassadas – o novo modelo definido para a extensão rural: priorização da agricultura familiar, a adoção de metodologias participativas, incentivo à agroecologia...

E contou mais.

Contou sobre os novos planos do governo: liberar mais recursos para a agricultura familiar, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf –, que aumentaria em três vezes o número de agricultores contemplados.

– Sabia, compadre, que a agricultura familiar é responsável pela produção da maioria dos produtos da cesta básica, além de ser o setor que mais gera empregos no meio rural?!

E até mostrou para seu Jacinto a cartilha do Pronaf, folheando-a, parando aqui e ali, lendo os títulos que julgava mais importantes: “Quem pode obter financiamento do Pronaf”, “O que pode ser financiado pelo Pronaf”, “Como obter o financiamento”.

Seu Jacinto ouvia tudo meio que desconfiado, meio que despeitado.

– Eu nem fiquei sabendo dessa reunião!

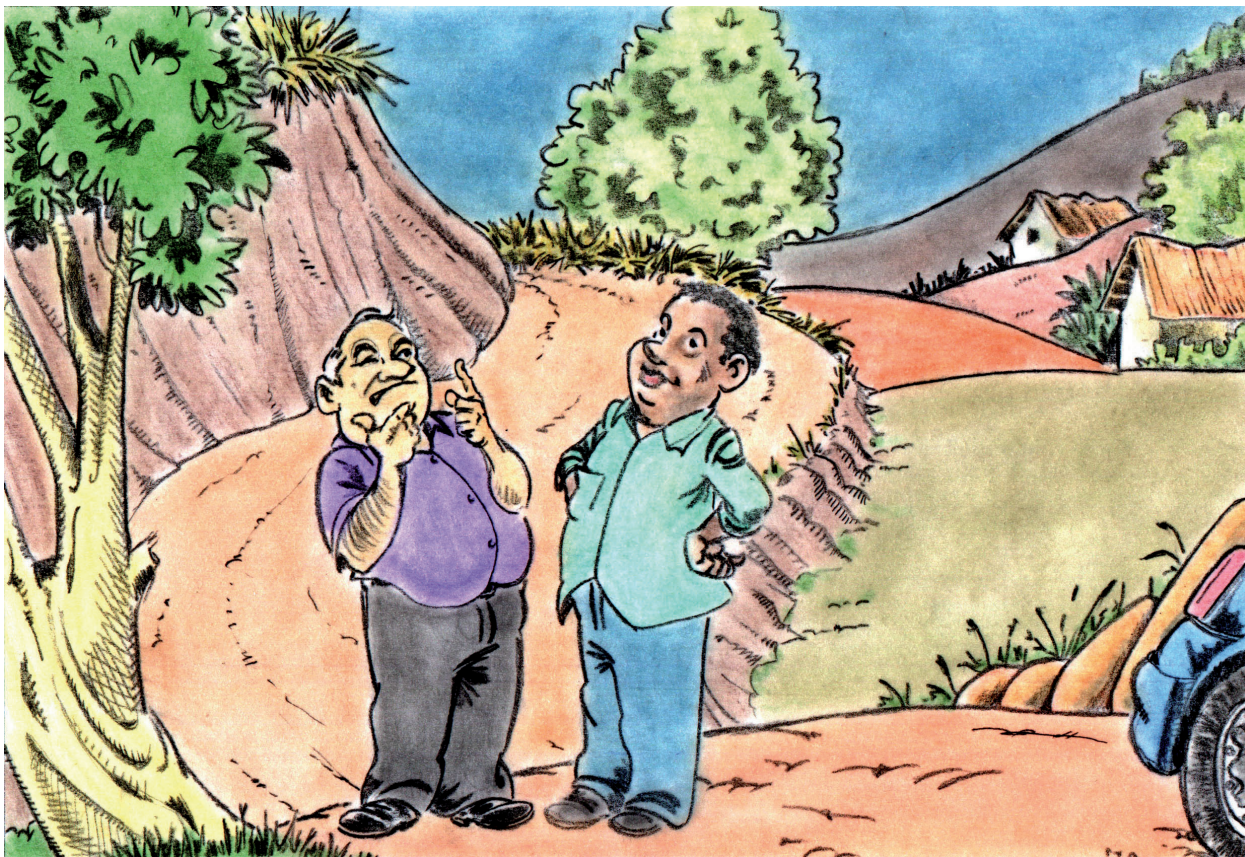
– Que é isso, compadre Jacinto! Todo mundo foi avisado. De todas essas paragens, de Ipê-Branco a Campo Florido, de Paranaibinha a Cerradinho, tinha gente participando. Até na rádio, no programa do Zé Custódio, a reunião foi divulgada! É impossível que você não tenha ficado sabendo.

Seu Jacinto se desculpou: sua memória andava fraca, os problemas que só aumentavam, a vida difícil que levava para sustentar a família e cuidar da propriedade.

– E tem mais, compadre, não acredito em nada que vem do governo. Afinal, nunca tive ajuda nenhuma – completou um Jacinto descrente.

– Compadre, a vida é uma luta. Não se pode esmorecer! Olha, tem uma frase que até foi citada, hoje, na reunião: “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”. Entendi que é preciso querer e fazer as coisas. O desafio é grande, o envolvimento de cada um é que pode gerar uma vida nova para todos.

– Pode ser, compadre Nicácio, mas até hoje tenho presenciado reuniões em que os coordenadores só pensam em se beneficiar. Até nas reuniões do Conselho Comunitário... Me responda, compadre, o que é que tem sido feito, realmente, em prol da comunidade?



– Concordo com você em algumas coisas. Mas veja bem: quem é que vota, quem é que escolhe nossos representantes? Somos nós. Talvez o que esteja faltando mesmo é a gente falar e ajudar mais, saber cobrar o que é da responsabilidade dos dirigentes, mas fazer nossa parte é fundamental. Se o governo está disposto a colaborar, seremos nós a fazer corpo mole?!

– Sei não, compadre, mas ainda tenho meus receios. Veja só meu caso: meu filho Aníbal, seu afilhado, tá querendo se casar. Ele e a Maria Isabel precisam e querem continuar morando aqui, no meio rural, na comunidade de Bela Vista, até porque ela é professora na Escola Municipal Comunidade em Ação. Assim fica mais fácil.

– Sei que meu afilhado ajuda muito na roça. Ele sempre foi bem disposto, trabalhador. E a noiva é boa gente, moça bem criada. Qual é então o problema, compadre Jacinto?

– O problema, compadre, é que nossa propriedade é pequena. Não dá pra todo mundo tirar o sustento e “fazer a vida” com plantação de tão poucas hortaliças, como é o nosso caso. Onde o Aníbal e a Maria Isabel vão morar e constituir família? Não sei como eles vão se arrumar. Casar é um direito de todo mundo, compadre. E quando chegar a hora dos outros? Tenho mais duas mocinhas e outro rapaz! Você conhece minha situação!

Seu Nicácio viu-se obrigado a concordar com o compadre. A maioria dos agricultores daquela região possuía pequenas propriedades e, muitas vezes, famílias numerosas. O futuro parecia mesmo incerto para os jovens.

A agricultura familiar, como todos já sabem, é o maior segmento em número de estabelecimentos rurais no Brasil e, apesar de ter grande importância econômica em diversas

cadeias produtivas, demorou muito a ser incluída nas estratégias de desenvolvimento rural do país.

Como dar acesso à terra aos filhos e às filhas de agricultores familiares em propriedades cuja extensão não permite a subdivisão?

Os jovens, especialmente as moças, estão deixando o campo e, com isso, acelerando o processo de masculinização e envelhecimento do meio rural. Cada vez se torna mais difícil a formação de famílias e unidades produtivas. Como, então, revitalizar o campo? Como evitar seu esvaziamento?

Se há o dito popular “carro apertado é o que canta” é porque o homem, inteligente e criativo, é capaz de pensar nos problemas e nas soluções.

Deixe-me saber o restante desta história.

Vi seu Nicácio coçar o queixo repetidas vezes, como quem matuta alguma coisa.

– Compadre Jacinto, tive uma idéia: vamos visitar o Julião e a dona Marieta, lá de Baixadas. Eles estão “fazendo misérias” na propriedade deles, a Fazenda Água Limpa!

– O que ele fez, compadre? Juro que não fiquei sabendo de nada!

Seu Nicácio esboçou um sorriso maroto. Imaginei-o dizendo para si: o compadre não toma jeito, insiste em viver fora do mundo.

E começou a contar...

O Julião e a dona Marieta têm quatro filhos: duas moças e dois rapazes. Na pequena propriedade, criavam umas vaquinhas leiteiras, galinhas e porcos. Além do leite que vendiam ao laticínio de Lagoa dos Patos, forneciam queijo, frangos e ovos caipiras a uma loja recém-inaugurada no Mercado Central da cidade, especializada na comercialização de produtos rurais. A renda obtida alimentava a família.

– Garanto que a criação ocupava quase toda a área da propriedade, e que só esse comércio não rendia muita coisa. Família grande... Rapaz e moça precisam de mais dinheiro. Não tô vendo nada de novo – disse seu Jacinto, com seu habitual desânimo.

– Pois é, compadre, realmente até aí tá tudo igual. Só que, quando souberam que seu filho mais velho pretendia mudar-se para a cidade, o Julião e a dona Marieta ficaram angustiados. Não queriam se apartar dos filhos. Além do mais sabiam que na cidade a vida também estava difícil.

– Será que o melhor é ficar aqui?! Se eu pudesse, mudaria hoje mesmo para a cidade.

– Compadre Jacinto, acho que você anda ruim das idéias. Até a televisão mostra todo dia um sem-número de desempregados, uma violência crescente nas cidades. O que é que gente, principalmente da nossa idade, vai fazer numa cidade, compadre?! Na reunião de hoje, o Julião e a dona Marieta ainda contaram a experiência deles e começaram falando exatamente disso. Disseram que, enquanto pudessem esperar, esperariam. Só quando não tivesse mais estudo por essas bandas é que deixariam os filhos irem. Mais maduros, aproveitariam as oportunidades e voltariam, se quisessem – e “haveriam de querer”, disse

a mãe – para trabalhar na propriedade.

– Bom, é... Mas conta logo. O que tá sendo feito na Água Limpa?

– Vou te contar, mas depois vamos lá. Quero que você veja tudo e converse com os proprietários. Te conheço, compadre, você é daqueles que não acreditam muito em sucesso, melhoria de vida.

Seu Jacinto ficou calado. Gostava muito do compadre Nicácio, que sempre o tinha ajudado nas horas de necessidade e, além do mais, era um homem justo, inteligente e muito bem informado. Participava de tudo quanto era seminário, reunião e curso nas comunidades e até na cidade.

E seu Nicácio foi contando: dona Marieta, mulher de luta e de idéias, começou a pensar no melhor aproveitamento dos espaços da propriedade. Procuraram técnicos da extensão rural, do banco e até da faculdade.

Vou resumir a história, pois seu Nicácio e seu Jacinto pareciam não ter pressa. Era um tal de “não te conto nada”, contando tudo, que a conversa se estendeu por muito tempo.

Mas o caso é que dona Marieta foi dividindo suas idéias com toda a família – “se a terra é pequena, a criatividade tem que ser grande” – e começaram a perguntar, pesquisar... Definiram um projeto de vida para a família, pensaram nos aspectos sociais, educacionais e financeiros. Discutiram com o profissional da assistência técnica, que os ajudou a levantar as potencialidades da propriedade e da comunidade e o melhor tipo de financiamento que poderiam fazer. Discutiram o assunto também com os vizinhos e outros agricultores familiares.

E isso foi um processo demorado.

Conversa daqui, conversa dali, “concordo com tudo, não concordo com nada, podemos pensar melhor, acho que isso vai dar certo...” O fato é que acabaram concluindo que, trabalhando unidos, dividindo os receios e fortalecendo as vontades, tudo se tornava mais fácil. Muitas cabeças pensando, tirando os conflitos naturais e até esperados, os caminhos iam-se definindo com mais clareza.

Continuaram criando vacas, porcos e galinhas, mas com uma nova visão: os dejetos dos porcos, outrora um problema, serviam agora para alimentar os peixes; parte do leite das vacas virava doces, queijos, biscoitos, agora comercializados numa pequena loja, logo na entrada do pesque-pague; os frangos, abatidos, limpos e picados, chegavam à mesa dos freqüentadores, ávidos por descanso e facilidades.

Você certamente já percebeu: optaram por uma atividade que é um típico exemplo da nova ruralidade no Brasil.

Construíram um belíssimo pesque-pague que absorveu, principalmente, mão-de-obra dos jovens.

José, o filho mais velho, que queria ir para a cidade, agora administra a compra e a alimentação dos peixes: tilápias, pacus, piaus, matrinxãs, pintados.

Dona Marieta e os filhos Júlia, a caçula, e Ricardo cuidam do restaurante e da venda dos produtos manufaturados na propriedade.



Julião e a outra filha, Sandra, recebem orientações e as repassam aos pescadores, principalmente os de primeira viagem.

Como o encadeamento econômico em torno de um pesqueiro é grande – venda de artigos de pesca, produção de minhocas, venda de bebidas e comidas à base de peixe e de outros tantos produtos do meio rural, destinação das carcaças e do couro dos peixes para a fabricação de adubos e até peças de vestuário –, a nova atividade gerava emprego e renda para muitas pessoas.

A idéia deles fez nascer novas idéias: produção de alevinos; criação e engorda de peixes; produção de ração; fornecimento de grãos, hortaliças e frutas para o restaurante; produção de varas de pescar e iscas.

Hoje, cada vez menos gente do campo quer mudar-se pra cidade.

Mas muita gente da cidade fica de olho nos feriados, finais de semana e férias para ir para o campo.

Sem contar aqueles que estão doidos pra investir em um pedacinho de terra, para aumentar a renda e o lazer.

Se você pensa que isso é causo de pescador, está redondamente enganado!

E fique sabendo: seu Jacinto pasmou-se de vez!

Fisgando oportunidades

Realmente fiquei pasmado ao ver de perto o que podem promover a vontade e o empreendedorismo de pessoas em busca de soluções para problemas que, muitas vezes, achamos que são só nossos.

Ouvindo as histórias e depois conhecendo pessoalmente o empreendimento da família do Julião, não pude deixar de perceber quanto tempo perdi pensando que podia resolver tudo sozinho e, principalmente, que as soluções caíam do céu, como por milagre.

Matutei por muitos dias. Pesei os “prós” e os “contras”. Ponderei muitas coisas com minha esposa, a Zélia, companheira de tantos anos. Ela foi a principal responsável pela minha decisão de correr atrás das novidades.

– Jacinto, é preciso pensar novas formas de viver, de aumentar nossa renda. Você é um homem ainda novo e vive nesse parадão. Tá perdendo tempo, homem! – repetia Zélia.

Foi num domingo de dezembro. Acordei bem disposto, chamei Aníbal e relatei toda a história da família do Julião. Contei tintim por tintim. Falei até das minhas descobertas pessoais. Falei do casamento dele com Maria Isabel. E falei do milagre dos peixes.

– O que é que peixe tem a ver comigo e minha noiva, pai?! – questionou Aníbal, desentendido de tudo.

– Filho, a renda obtida com a comercialização de peixes pode garantir a manutenção de uma família. Gostaria que você fosse comigo e sua mãe até a Fazenda Água Limpa. Vamos conversar com o Julião. Se ele puder comprar nossos peixes, poderemos produzi-los aqui, em nossas terras.

– Pai, a idéia me agrada. Estou muito orgulhoso do senhor. Que bom poder contar com um pai corajoso e animado! Que tal levarmos também o Hugo e a Rute? Até por serem mais jovens, têm boas idéias e mais disposição. Quem sabe descubrem outras alternativas de trabalho?

– Sendo assim, vai a família inteira. Aproveitaremos para fazer uma pescaria.

No meio da manhã daquele mesmo dia, rumamos eu, Zélia e os meninos, inclusive a Dorinha, a caçula, para Baixadas.

Conversamos muito.

Dona Marieta, muito atenciosa, mostrava a cozinha do restaurante e as muitas possibilidades.

Julião, no escritório, onde a família contabilizava e administrava o projeto, contava todo o processo trilhado. Direcionava para novos caminhos.

Os filhos, rapidamente – era dia de muito trabalho – falavam dos benefícios, das perspectivas. Apontavam para uma vida melhor.

Depois, à pescaria, que ninguém é de ferro!

Por fim, a família reunida começou a traçar muitos planos.

Nunca, até aquele dia, havíamos pescado tantas idéias, tantos peixes que, temperados e fritos, temperavam com esperança a labuta dos dias que estavam por vir.

Seguindo as orientações de Julião e de dona Marieta, passamos a participar de muitas reuniões promovidas pela Prefeitura de Lagoa dos Patos e por órgãos parceiros de novas iniciativas: a extensão rural, a universidade, o Instituto Florestal e tantos outros.

Descobri tanta gente que queria contribuir!!! Tantas idéias pululando!!!

O compadre Nicácio era o amigo de todas as horas. Ele me fazia sentir um filho desgarrado voltando à vida.

Assim, fomos construindo novos saberes, novas oportunidades, trilhando novos caminhos!

Com a ajuda dos extensionistas e de vários técnicos, principalmente, elaboramos um projeto, buscamos e... encontramos crédito – financeiro e pessoal –, obtivemos autorizações e licenciamento ambiental necessários.

Hoje, criamos peixes. Vendemos peixes. Festejamos com peixes.

Aníbal administra e ainda desenvolve várias atividades nos tanques de desova, de alevinagem e de crescimento das tilápias. Nenhum curso, promovido nas redondezas, lhe escapa, inclusive o de Gestão Empresarial. Tudo sendo feito conforme as técnicas recomendadas: a escolha da área onde foi implantada a piscicultura, a construção e a arborização dos tanques; a alimentação dos peixes; o peixamento e o transporte até o pesque-pague da Água Limpa. Outros mercados já estão sendo fisgados.

Todos nós estamos envolvidos no projeto. E novas idéias nascem a cada dia, sempre levando em conta o tamanho de nossa propriedade, a condição financeira e a mão-de-obra que, por enquanto, é só a dos membros da família.

Nas tantas andanças realizadas, aprendemos muita coisa! Aprendemos que o mais difícil de um negócio é mantê-lo: exige conhecimento de tecnologias cada vez mais modernas e de novos nichos de mercado, e constante intercâmbio de informações com outros produtores e consumidores.

Aprendemos principalmente que o desenvolvimento da agricultura familiar, como de tudo o mais na vida, está ligado à capacidade de mobilização, organização e coordenação, e à criação de um clima de confiança entre as pessoas de uma comunidade.

Hugo, conhecendo outras atividades e novas possibilidades, tomou-se de grande interesse pelas abelhas. Depois de saber que essa atividade traz benefícios econômicos, sociais e ambientais e que o Brasil é o sexto país maior produtor de mel, com grandes chances de ampliar os negócios no setor de apicultura, começou a “fazer a cabeça” de Rute.

– Li recentemente que a produção de mel sempre foi uma atividade lucrativa, mas é preciso fazer tudo direitinho. Se for assim, eu topo encarar esse desafio com você, Hugo.



Vamos criar abelhas – disse Rute, empolgada.

Ouvi Hugo responder, eufórico:

– Vão oferecer um curso em Lagoa dos Patos, ainda neste mês, no qual vão ensinar a construir as instalações adequadas, o manejo correto da criação, a coleta e o processamento do mel para consumo e até como adquirir as primeiras colméias. Vamos nos inscrever, maninha.

Assim, mais um começo na família. Muito trabalho, muita disposição e uma vida melhor, com direito a lazer, conforto e mais conhecimentos.

Peixes, abelhas e as balas de mel, que Dorinha inventou de fazer, rendem, além de lucros financeiros, a união da família e a permanência nas nossas terras.

Descobrimos que o querer e o fazer podem operar milagres.

glossário

Abominava: detestava.

Acervo: conjunto de bens que integram um patrimônio; conjunto das obras de uma biblioteca, de um museu, etc.

Agroecologia: estudo que visa a integração equilibrada da atividade agrícola com a proteção do meio ambiente.

Aqüicultura: arte de criar e multiplicar animais e plantas aquáticas.

Compostagem: processo biológico de transformação de matéria orgânica, como a palha, em húmus.

Consenso: forma de deliberar em reuniões, em que os participantes concordam plenamente com o que se está propondo.

Cronograma: prazo para cumprimento de tarefas ou projetos.

Estruticultura: pecuária do avestruz.

Famílias pluriativas: famílias que combinam, entre seus membros, trabalhos agrícolas com os não-agrícolas, como: turismo ecológico, pesque-pague, hotel-fazenda, artesanato, indústria de doces caseiros, emprego doméstico, e outros.

Intercâmbio de informações: troca de informações.

Intrigante: que desperta a curiosidade, que surpreende.

Nichos de mercado: mercado especializado que atende às preferências individuais ou de grupos de consumidores, o qual geralmente oferece novas oportunidades de negócio.

Olhar, observar de soslaio: olhar de lado, de viés.

Palavra de ordem: palavra ou expressão, às vezes rimada, usada para ser repetida, gritada, cantada ou reproduzida por escrito, e que resume a posição adotada por um grupo.

Pleitearem: empenharem-se em obter algo.

Prefaciadora da obra: apresentadora da obra ao leitor, por meio de um texto de introdução.

Resgatar: recuperar, tirar do esquecimento.

Rotulavam: atribuíam características, boas ou más, verdadeiras ou não, a pessoas.

Tema gerador: assunto que motiva uma discussão ou pesquisa.



Na Livraria Embrapa, você encontra
livros, e-books, DVDs e CD-ROMs sobre
agricultura, pecuária, negócio agrícola, etc.

Para fazer seu pedido, acesse:
www.embrapa.br/livraria

ou entre em contato conosco
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
livraria@embrapa.br

Você pode também nos encontrar nas redes sociais:



facebook.com/livrariaembrapa



twitter.com/livrariaembrapa

Impressão e acabamento
Embrapa Informação Tecnológica

O papel utilizado nesta publicação foi produzido conforme a certificação da Bureau Veritas Quality International (BVQI) de Manejo Florestal.



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Este livro integra a Série Educação e Cidadania, projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Embrapa. Representa um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento sustentável, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

Fisgando Oportunidades é uma criação coletiva da qual participam educadores, escritores, artistas gráficos e ilustradores. É um incentivo a práticas educativas baseadas em novas formas de abordagem e intervenção no contexto rural. Retrata nuances da vida no campo, mesclando a coragem e o desejo das personagens, similares aos da nossa gente.



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ISBN 85-7383-262-2



CGPE 4592